

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**FERNANDA RIBEIRO VALESAN**

**A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS EM JOÃO CEZAR DE CASTRO  
ROCHA, ANTONIO CANDIDO E MICHÈLE PETIT**

**CHAPECÓ  
2023**

**FERNANDA RIBEIRO VALESAN**

**A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS EM JOÃO CEZAR DE CASTRO  
ROCHA, ANTONIO CANDIDO E MICHÈLE PETIT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Teresinha Donini Rodrigues

Co-orientador: Prof. Dr. Valdir Prigol

**CHAPECÓ**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Valesan, Fernanda Ribeiro

A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS EM JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA, ANTONIO CANDIDO E MICHÈLE PETIT / Fernanda Ribeiro Valesan. -- 2023.

31 f.

Orientadora: Doutora Jane Teresinha Donini Rodrigues

Co-orientador: Doutor Valdir Prigol

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2023.

1. Educação. 2. Leitura. 3. Leitura Literária. I. Rodrigues, Jane Teresinha Donini, orient. II. Prigol, Valdir, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

**FERNANDA RIBEIRO VALESAN**

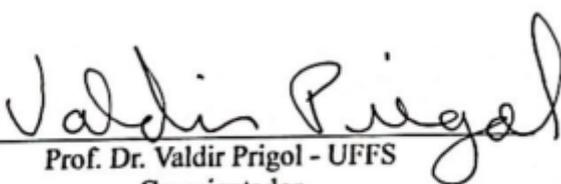
**A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS EM JOÃO CEZAR DE CASTRO  
ROCHA, ANTONIO CANDIDO E MICHÈLE PETIT**

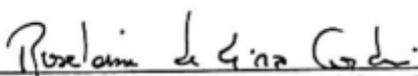
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jane Teresinha Donini Rodrigues - UFFS  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Valdir Prigol - UFFS  
Co-orientador

  
\_\_\_\_\_  
Me. Roselaine de Lima Cordeiro - UFFS  
Avaliadora

## **A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS EM JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA, ANTONIO CANDIDO E MICHÈLE PETIT**

Valesan, Fernanda R<sup>1</sup>  
Rodrigues, Jane Teresinha D.<sup>2</sup>  
Prigol, Valdir<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O tema da pesquisa aqui apresentada é a relação entre texto literário e leitor. Objetiva investigar como as formas de relação entre texto e leitor podem influenciar na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social a partir das perspectivas dos autores Antonio Candido, Michèle Petit e João Cezar de Castro Rocha. Todos, estudiosos com trajetórias ímpares e particularidades no olhar sobre a leitura. Para a realização desta pesquisa foram estudados os conceitos de tempo, texto e leitor na perspectiva destes autores, buscando responder a seguinte pergunta: Como as perspectivas de leitura de textos literários de Antônio Cândido, Michèle Petit e João Cezar de Castro Rocha, nos ajudam a compreender a potência da leitura na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social? Os textos analisados foram “Direito à Literatura”, de Antônio Candido, “Direito à leitura literária: Notas Iniciais” de João Cezar de Castro Rocha e o capítulo “Segundo encontro: O que está em jogo na leitura hoje em dia” presente no livro “Os jovens e a Leitura: Uma nova perspectiva” de Michèle Petit. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, a partir de um recorte autoral, que analisará estudos primários. As obras escolhidas são dos próprios autores, não são produções de estudiosos ou leitores desses autores.

Palavras-chave: Leitura Literária; Texto; Leitor; Criticidade.

### **ABSTRACT**

This research's main theme is the relationship between literary text and reader. This research aims to investigate how the relationship between readers and literary text can impact in the construction of critical and socially aware individuals from the perspective of Antonio Candido, Michèle Petit and João Cezar de Castro Rocha. All with unpaired trajectories and particularities when looking at the act of reading. To the achievement of this research goal is going to be studied the concept of time, text and reader, from these writer's perspectives, aiming to answer the following research question: How the literary text reading perspective of Antonio Candido, Michèle Petit and João Cezar de Castro Rocha help us to comprehend the power of reading in the development of critical and socially aware individuals? The texts

---

<sup>1</sup> Aluna graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

<sup>2</sup> Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul

<sup>3</sup> Docente do curso de graduação em Letras - Português e Espanhol e do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul

analyzed during this research are “Direito à Literatura”, written by Antonio Candido, “Direito à leitura literária: Notas Iniciais” written by João Castro de Cezar Rocha and the chapter “Segundo encontro: O que está em jogo na leitura hoje em dia” in the book “Os jovens e a Leitura: Uma nova perspectiva” written by Michèle Petit. This is a bibliographic research that will analyze primary studies. The studies selected were written by the authors, this research does not aim to look into studies done by researchers of these authors.

Keywords: Literary Reading; Text; Reader; Critical.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul  
AI-5 - Ato Inconstitucional Nº5

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA PERSPECTIVA DE ANTONIO CANDIDO.....</b>	<b>10</b>
<b>3 A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA PERSPECTIVA DE MICHÈLE PETIT.....</b>	<b>16</b>
<b>4 A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA PERSPECTIVA DE JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA.....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta da pesquisa realizada para compor o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Motivada pelo interesse em compreender como a relação entre o leitor e textos literários poderia confluir para a atuação de cidadãos críticos e com potencial transformador da realidade social, encontrei em Antonio Candido uma perspectiva da leitura de textos literários como ferramenta de humanização de seus leitores. Base teórica que me impulsionou a novas leituras que, afortunadamente, me levaram ao encontro de João Cezar de Castro Rocha e Michèle Petit. O primeiro, com forte influência de Antonio Candido, concorda com a perspectiva humanizadora da leitura de textos literários, porém agrega um olhar contemporâneo sobre esta relação. A última, entende esta relação entre texto e leitor a partir dos impactos da leitura na vida e escolhas profissionais e pessoais dos leitores. A partir daí minhas buscas se voltaram a analisar o conceito de leitura de textos literários na perspectiva desses autores.

Para explorar e analisar este conceito de leitura de textos literários partimos de um conceito de leitura Freiriano, que concebe a leitura e a escrita como produtos culturais complexos que o homem utiliza para representar e se relacionar com o mundo onde “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente ” (FREIRE, 1981, p.9), pois como posto por Antônio Joaquim Severino no prefácio do livro escrito por Freire “A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam” “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. ” (SEVERINO, 1982, p.7)

A linguagem escrita se torna então uma forma de representação do mundo e das leituras que fazemos destes. Esta perspectiva de leitura freireana nos ajuda a compreender, mais e melhor, o que se está falando quando falamos de leitura, pois percebemos que tanto o texto como o leitor são atravessados por diferentes contextos e tempos, o que influencia, diretamente, nas formas como estes se relacionam um com o outro.

Ao expandirmos este entendimento de leitura e de escrita para pensar a leitura de textos literários, percebemos que ao lermos um texto literário, nos atravessam as nossas próprias leituras de mundo e o texto se torna um “exercício de descentramento e de abertura ao outro” (ROCHA, 2018, p. 44), onde a organização das palavras é feita de forma a dialogar com os leitores de diferentes formas e, ao fazê-lo, os humaniza, possibilitando o entendimento e

reflexão da sua realidade e seu dia-a-dia. A “literatura remete ao ato de conferir sentido ao caos do dia a dia por meio da fabulação, ou seja, através da narrativização das coisas. As palavras, aqui, valem porque pensam em todos os registros” (ROCHA, 2018, p. 35). Ou seja, no ato de ler literatura estamos nos propiciando uma forma de ler e refletir o mundo à nossa volta, a partir de uma visão nossa e de uma visão do texto. Com isso, compreendemos que a leitura de textos literários não acontece de forma única, mas em “vias de duplo sentido”.

Ao perceber o modo como leitores e leitura de textos literários se relacionam e como mudam os significados daquilo que é lido e vivenciado pelos leitores, nos é possível entender como este caráter humanizador da leitura de textos literários é parte do que a torna tão importante dentro de sala de aula, esta pesquisa busca então se aprofundar nas diferentes formas que podemos entender esta relação entre texto literário e leitor.

Com esses movimentos iniciais, e tudo que eles mobilizaram, foi possível definir o objetivo geral desta pesquisa, que se propõe investigar como as formas de relação entre texto e leitor pode influenciar na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social a partir das perspectivas dos autores Antonio Candido, Michèle Petit e João Cezar de Castro Rocha.

Para alcançar o objetivo proposto, nossa opção metodológica se situa numa perspectiva de análise de um fenômeno social, e, portanto, se trata de uma perspectiva qualitativa, a qual preocupa-se “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31), e faz um levantamento bibliográfico pois procuramos analisar fontes e “referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” (FONSECA, 2002, p. 32 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37). Este levantamento e análise bibliográfica foram feitos a partir de um recorte autoral onde se procurou, dentro do tema de pesquisa, recortar autores relevantes, e utilizar seus estudos como fontes de pesquisa. Estes textos e estudos foram “produzidos com a interferência direta do autor da pesquisa (...) estariam principalmente no início do processo” (CENDÓN; KREMER, 2003, p.28) e, portanto, se qualificam como fontes primárias, esta pesquisa se torna então uma fonte secundária a qual “apresenta a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade” (CENDÓN, KREMER, 2003, p.28).

Esta metodologia foi utilizada no intuito de aprofundar e alargar o conhecimento sobre a relação entre texto literário e leitor, intencionando responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Como as perspectivas de leitura de textos literários de Antonio Candido, Michèle Petit e João*

*Cezar de Castro Rocha, nos ajudam a compreender a potência da leitura na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social?*

O texto está organizado em tópicos, cada um, olhando para os escritos do autor em pauta e desenvolvendo uma revisão teórica acerca do tema central - texto literário e leitor - a fim de identificar e discutir os conceitos e perspectivas de tempo, texto e leitor, abordado por cada autor em estudo.

## **2 A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA PERSPECTIVA DE ANTONIO CANDIDO**

Antonio Candido, nascido em 1918, foi um sociólogo e crítico literário brasileiro, foi professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo (USP), com extenso número de obras da crítica literária, que serviram de base para a formação dos estudos literários no Brasil. Foi muito ativo politicamente se posicionando contra a ditadura do Estado Novo e à Ditadura Militar, e foi justamente com o fim da ditadura militar e com a possibilidade de argumentos em prol dos direitos humanos e dos trabalhadores que Candido escreveu e publicou um dos seus mais célebres ensaios: “Direito à Literatura”. A obra foi escrita por volta dos anos 1980<sup>4</sup>, quando o novo congresso, eleito em 1986, trabalhava na escrita e homologação de uma nova constituição, a qual iria revogar a constituição de 1967 e o Ato Institucional nº5 (AI-5) imposto em 1969 durante a ditadura militar brasileira. Período da história nacional que foi marcado por governos militares antidemocráticos disparadores de fortes censuras, violações aos direitos humanos e a perseguição a escritores, artistas e intelectuais. Com a perspectiva do fim do período antidemocrático e repressor, a luta e as discussões sobre direitos humanos se tornaram “pauta política aglutinadora da oposição ao regime. É na luta contra a repressão que se inaugura a questão dos direitos humanos como parte fundamental da agenda política nacional” (NATALINO, P.18 2010), diversos movimentos sociais pediam eleições diretas, anistia aos exilados e perseguidos políticos e uma constituição que garantisse o reconhecimento e o exercício à liberdade e aos direitos dos cidadãos brasileiros. A efervescência dos movimentos sociais, entidades sindicais, associações e sociedade civil, tornaram as discussões sobre

---

<sup>4</sup> Dado retirado de **O direito à literatura no século XXI: uma homenagem a Antonio Candido**. Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2012/05/31/o-direito-a-literatura-no-seculo-xxi-uma-homenagem-a-antonio-candido-por-flavio-aguiar/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

direitos humanos, democracia e garantia ao exercício político cada vez mais forte e com expressões cada vez mais distintas, especialmente, no meio artístico e intelectual.

Foi essa abordagem social sobre direitos humanos o que fez com que a discussão feita por Antonio Candido em seu célebre ensaio “Direito à literatura” se tornasse tão relevante, já que ali ele discutia o que define direitos humanos e trouxe “à baila” os conceitos de bens compreensíveis e incompreensíveis, sendo incompreensíveis aqueles necessários à sobrevivência e compreensíveis os supérfluos. O autor questiona a fronteira entre o necessário e o supérfluo para a vida humana, nas palavras de Candido:

são bens incompreensíveis não apenas ao que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo a justiça pública, a resistência à opressão etc e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, porque não, à arte e à literatura (CANDIDO, 2011, p. 176)

Ao questionar o que é necessário e supérfluo à vida humana, o autor não só levanta a definição de direitos humanos, como também discute o acesso à cultura. Para ele o acesso à cultura não poderia ser considerado como um bem compreensível e supérfluo, pois a cultura, fosse ela a literatura, música, teatro ou artes plásticas, é o que garantiria a humanização e a cidadania para uma vida além da sobrevivência, e por isso mesmo, deveriam ser considerados também bens incompreensíveis, essenciais à vida humana e, portanto, um direito humano.

O entendimento de direitos humanos como aspectos sociais que garantem a humanização e a cidadania das pessoas, permite ao autor trazer à luz uma perspectiva de literatura e de experiência literária, capazes de educar e humanizar o leitor, pois, ao seu entendimento, não existe ser humano sem o uso da linguagem e da criação de narrativas. Disso, propõe que o consumo de ficção seria, muitas vezes, uma forma de dar sentido à nossa realidade contraditória, pois esta é também uma manifestação e questionamento dos valores da nossa sociedade, por isso expande o conceito de literatura para:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 177)

Este conceito expandido de literatura permite entendê-la como uma necessidade universal, se tornando assim, um direito humano, considerando-a uma forma de representação do mundo que, ao entrar em contato com o leitor, seria capaz de humanizá-lo por fazer entrar em contato com diferentes mundos, perspectivas e olhares sociais, que fazem com que esse leitor entre em conflito e reflita sobre suas próprias perspectivas de mundo e valores, já que

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p.183)

A importância social da literatura é trazida por Antonio Candido, durante todo o seu texto. Procura destacar que o potencial humanizador do texto literário se encontra principalmente na sua construção e na sua forma, pois mesmo o texto literário carregando mensagens sociais e políticas, elas só se comunicam e se tornam literatura por se encontrarem dentro de uma estrutura literária que garante uma comunicação humanizada com o leitor. Enfatiza que “a maneira pela qual a mensagem é construída; mas esta maneira é o aspecto, senão o mais importante, com certeza crucial, por que é o que decide se uma comunicação é literária ou não” (CANDIDO, 2011, p.179)

Há nesta obra de Candido uma grande ênfase na forma como o texto literário é construído e no código usado, pois para o autor “A mensagem é inseparável do código, mas o código é a condição que assegura o seu efeito” (Candido, 2011, p.180), para ele, a forma e código usados, são o que garantem que o conteúdo político e social sejam entregues de forma humanizadora, sendo assim, o poder humanizador se encontra no texto, na mensagem que o autor procurou comunicar a partir deste e na forma como esta mensagem foi organizada.

Fica claro que, para o autor, o potencial humanizador da literatura se encontra não só na forma como as fabulações<sup>5</sup> têm o potencial de fazer o leitor entrar em contato com outros mundos e outras perspectivas de vida, mas também, e principalmente, pela forma como essas fabulações são organizadas e descritas, o autor chega a dizer que:

Em literatura, uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida à estrutura literária, a forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto. (Candido, 2011, p.183)

A relação entre texto e leitor e o sentido do texto se dá então, a partir da perspectiva do texto, na forma que este carrega e a mensagem social que o autor procura passar, pois para Candido, o peso social do texto literário está na comunicação que este faz com o leitor. Podemos perceber aqui que esta comunicação depende principalmente da forma e dos códigos usados, porém é importante salientar que isso não quer dizer que Candido olhasse para a língua e para o texto de forma instrumentalizada. Para ele, a potência do texto literário não se consistiria a tecnologia do código do alfabeto, mas sim nas diversas formas que esse código

---

<sup>5</sup> Na perspectiva de Antonio Candido a fabulação seria “uma criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades” (Candido, 2011, p.177)

poderia ser organizado, causando diversos tipos de sensações, engajamento e comunicações com os leitores, estes seriam de extrema importância para a efetivação do papel social e humanizador da literatura, pois:

Quer percebamos claramente ou não, o caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 2011, p.179)

Esta forma de comunicação entre texto e leitor, focada no texto, leva conseqüentemente, a uma perspectiva do texto entendido dentro do seu tempo e dentro do tempo do autor, o que leva a procurar as representações sociais feitas pelo autor dentro do texto, o que elas representam no tempo em que o texto foi escrito, como elas poderiam levar à um desnudamento da realidade, e conseqüentemente, a humanização do leitor. Em outras palavras, o estudo do texto deveria ser feito analisando o tempo em que foi escrito, a posição do autor, a forma utilizada, entre outros pontos que colocam um grande foco no texto e tudo que influência sua escrita e o conteúdo a ser passado por ele, pois, para Candido, esses seriam capazes de criar representações da realidade que levariam à criticidade e humanização do leitor.

Essas representações seriam características principalmente do tempo do texto e do autor, pois estes fariam uma representação literária social, que sofreria interferência do tempo sócio-histórico em que foi criada, então só poderia ser entendida a partir deste mesmo contexto. E pelos autores e obras serem influenciados pela sociedade em que se encontram, a literatura carregaria em si, valores que os seus responsáveis gostariam de propagar e/ou questionar, nas palavras do autor “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um, a presença deles.” (Candido, 2011, p.177)

Esta forma de ver o texto a partir do seu tempo, está muito ligada a função social de humanização da literatura, e coloca o poder de humanizar nos textos literários, pontos que Candido põe muita ênfase, já que para ele, o poder social de humanização do texto literário, se encontraria no fato deste retratar e expor as desigualdades e injustiças sociais, ajudando ao leitor a conhecer, entender e se posicionar melhor na sociedade, pois:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2011, p.177)

Percebo, a partir disso, que o texto teria o poder de expor de forma dramática, poética ou irônica os valores e mazelas sociais que nos cercam e que muitas vezes passam despercebidos no nosso dia-a-dia. Por isso, para Candido a importância de pensar um texto dentro do seu tempo seria pelo fato deste carregar as mensagens que procurariam passar valores sociais do seu tempo compartilhados ou não pelo o autor, e também por que estas mensagens já teriam sido construídas de forma intencional procurando levar o leitor à um questionamento sobre aquilo que foi exposto no texto, pois:

Há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc. (Candido, 2011, p.182)

Essa forma de ver a relação entre texto e leitor pensa a leitura e a escrita a partir de sua função social de comunicação, representação da realidade vivida e do impacto social da literatura. Vendo a literatura como ferramenta, capaz de humanizar o leitor justamente por ser uma forma poderosa de questionamento às visões, muitas vezes, conservadoras que a nossa sociedade carrega, pois, “ela tem papel formador da personalidade [...] Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever” (Candido, 2011, p.178)

Ao colocar tanta ênfase no texto, na sua forma, no seu tempo e na mensagem que este carrega, acaba colocando o leitor como um ser passivo, que é humanizado ao entrar em contato com a literatura, e pouco age sobre ela, pois seriam a organização das palavras que agiriam sobre o leitor, já que “A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro a se organizar e em seguida organizar o mundo ” (Candido, 2011, p.179).

E muito embora para o autor o peso do texto literário esteja na relação com o leitor, essa relação se efetiva através da forma e do código, e não através da forma como o leitor relacionaria as suas vivências e a sua realidade com este texto. Para Candido a forma do texto é a principal ponte de comunicação entre texto e leitor e tem grande importância pois traz dentro dela um conteúdo humanizador já pronto e acabado e esse conteúdo agiria sobre o leitor que estaria ali para ser humanizado pelo texto, o autor deixa claro que “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere” (Candido, 2011, p.180).

Então, mesmo esta perspectiva visando a humanização do leitor a partir da leitura de textos literários, ela considera o texto como ponto de partida e chegada na relação entre texto e leitor e pouco olha para a leitura de mundo que o leitor faz e pouco considera como as vivências de diferentes realidades podem interferir na relação entre leitor e texto e não considera que a “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 1981, p.9).

Esta concepção de Candido se aproxima da perspectiva de Iser (1976), segundo o qual, quem guia a relação entre texto e leitor seria o texto, nesta perspectiva caberia ao leitor apreciar a obra que deveria ser interpretada a partir do tempo e da visão social do autor, seria então um modelo “que garante a tradução contínua do autor para a obra e a retradução da obra para o leitor.” (ISER, 1976, p.87), onde o foco é uma passagem da mensagem do texto para o leitor.

A relação aqui proposta por Candido seria uma comunicação em que o leitor teria que interpretar o texto escrito, pois o estudo sobre o mesmo procuraria uma visão sócio-histórica do texto e do autor, e não de sua própria realidade, seria o texto que humaniza o leitor, e este teria pouco poder sobre a própria humanização, então, embora o texto de Candido “Direito à literatura” tenha trazido muitos aspectos importantes para pensarmos a função social da literatura, a sua possibilidade de humanização do leitor e a democratização do seu acesso, ele ainda vê esta relação, capaz de humanizar, focada no texto, no seu tempo e no tempo do autor, dando um papel passivo ao leitor que estaria na comunicação para sofrer o processo de humanização feito pelo texto já construído pelo autor com intencionalidades específicas.

Esse estudo de Candido, que teve grande impacto para o entendimento da função social da literatura na sociedade e no campo acadêmico, influenciou vários estudos e autores desde a sua publicação, e é possível ver várias perspectivas e entendimentos que, mesmo se baseando na visão de leitura de textos literários capaz de humanizar o seu leitor, ainda estão focadas no texto e no que ele procura comunicar para o leitor, dando pouco espaço para as diferentes visões e interpretações que leitor possa fazer. Essas perspectivas seriam as práticas onde a leitura procura olhar para as especificidades do texto literário, considerando a leitura literária uma forma específica de leitura, exigindo do leitor a capacidade de interpretação e estudo do texto a partir de sua origem, e que por isso, seria preciso uma formação específica e mais profunda, para saber sobre como identificar, selecionar, analisar, interpretar e apreciar os textos literários.

E ainda que essa formação específica busque a humanização e criticidade do leitor, ela procura fazer isso a partir de um trabalho onde o texto é ponto principal na relação entre texto e leitor. Seria uma perspectiva que procuraria incentivar a humanização e criticidade do leitor a partir da ação do texto sobre o leitor. O texto literário seria o ponto que deteria o poder na relação entre texto e leitor e a leitura de textos literários aqui poderia ser uma forma de deleite e prazer, porém essa não seria sua principal função, pois sua principal função seria agir de forma intencional sobre o leitor e as suas visões de mundo.

Antonio Candido teve extrema importância para o questionamento de função social de textos literários, o seu ensaio “Direito à Literatura” trouxe, à época em que foi escrito, uma nova visão em relação à literatura em nossa sociedade, essa nova visão abriu um campo acadêmico de investigação e influenciou diversas pesquisas que se aprofundaram na relação entre texto literário e leitor, então, embora a forma de relação entre texto literário e leitor explorada por Candido se limite a pensar essa relação com o foco no objeto, é a partir deste primeiro questionamento de como a literatura tem um papel social político que se relaciona com o leitor na perspectiva de humanizá-lo, que se tornou possível a construção de questionamentos aprofundados sobre o assunto. Este ensaio de Candido se torna então um grande salto teórico para se pensar as formas como o texto literário se relaciona com os seus leitores e com a nossa sociedade. A partir daí meu interesse em identificar e compreender a potência da leitura na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social.

### **3 A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA PERSPECTIVA DE MICHÈLE PETIT**

Michèle Petit, nasceu em 1946, antropóloga, escritora e pesquisadora francesa da Universidade de Paris, tendo quatro de suas obras traduzidas para a língua portuguesa sendo elas “Leituras: do espaço íntimo ao espaço público”, “Ler o mundo: Experiências de transmissão”, “A arte de ler: ou como resistir à adversidade” e “Os jovens e a Leitura: Uma nova perspectiva” na qual se encontra o texto “Segundo encontro: O que está em jogo na leitura hoje em dia” que foi estudado e usado de base para a escrita do presente artigo.

A escritora, durante a pesquisa realizada para o seu livro, buscou colocar a voz do leitor como ponto de partida para suas reflexões, trazendo a todo momento no seu texto, os impactos sociais e antropológicos que o contato com a leitura deixa na vida de seus leitores. Ao fazer isso a autora coloca em foco principalmente a função social e humanizadora da leitura, pois, ao questionar, ouvir e trazer falas de jovens leitores da periferia e do meio rural

da França, que contam como esse contato com a leitura mudou suas vidas, ela mostra como a leitura cria novas oportunidades acadêmicas e financeiras. Ao questionar estes leitores, a autora permite que sejam expressas as diferentes formas de ver o mundo e os preconceitos enraizados nas sociedades, e busca entender como a literatura oportuniza o contato com suas culturas e raízes, promovendo a construção de uma noção de identidade do indivíduo.

Podemos ver na sua forma de estudar e olhar a relação entre texto e leitor, raízes muito fortes da sua formação antropológica, por isso ao se propor estudar os impactos da literatura na vida das pessoas, Michèle Petit, olha para todo o processo de leitura e de relação entre texto e leitor de forma muito humanizada e social. Ao colocar o leitor como centro do processo a autora utiliza cada um dos pontos trazidos por eles para perpassar pelos mais diversos aspectos interessantes da leitura de textos literários, como a possibilidade de encontro com suas origens, o acesso ao conhecimento culturalmente compartilhado, aperfeiçoamento da língua (que leva ao acesso à diferentes espaços), possibilidade de imaginação e criação de novas realidades e até o tempo de autocuidado e reflexão sobre si.

Essa forma socioantropológica de estudar os impactos da literatura na vida das pessoas tem também impacto na forma como a autora vê a importância do texto. Ao analisar os aspectos sociais da importância do ato de ler, ela traz também a importância sobre a função do texto e da palavra para que os leitores consigam se expressar, uma vez que, para Petit (2008), o texto é o que permite refletir sobre nós mesmos e o mundo à nossa volta. No texto, temos elementos que ajudam a nos construir como sujeitos falantes em nossa sociedade. O processo contrário, ou seja, a falta desta comunicação entre texto e leitor, que permitiria pensar e expressar em palavras os nossos sentimentos e opiniões, faz com que os seres humanos tenham que expressar suas opiniões e sentimentos de outras formas, no caso o corpo passaria a agir para se expressar. Nas palavras da autora: “Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar” (PETIT, 2008, p. 71)

A autora vê então a leitura e a leitura de textos literários de uma forma extremamente humana e social, que ao entrar em contato com o leitor pode servir como uma espécie de companhia que o ajuda a encontrar formas e palavras para se expressar, permite o contato com as suas raízes e ancestralidades e assim, auxilia a construção de uma identidade própria pois:

os livros também são companheiros que consolam e às vezes nele encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo. Pois a dificuldade para encontrar um lugar neste mundo não é somente econômica, mas também afetiva, social, sexual e existencial. (PETIT, 2008, p.74)

A função do texto não é então somente comunicativa, mas também social, pois permite que nos tornemos capazes de nomear aquilo que vivenciamos, abrindo a possibilidade de reflexão e mudança desta realidade vivenciada, então se por um lado Petit concorda com Candido sobre a impossibilidade de reduzir o texto a sua instrumentalização (devido a sua função social de representação e comunicação da realidade), a autora também vê o texto de forma mais profunda e humana, pois traz em sua análise, como a língua, o texto e as formas como à acessamos tem a capacidade de influenciar na nossa construção de identidade e na nossa visão de mundo, como diz a autora:

a linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes já disse antes que o que determina a vida dos seres humanos é em grande medida o peso das palavras, ou o peso de sua ausência” (PETIT, 2008, p.71)

Esta forma de olhar o texto a partir de sua função social tem grande impacto em como a autora entende o papel do leitor na relação entre texto e leitor. Se diferenciando da perspectiva de Candido, a autora percebe o leitor como um ser extremamente ativo nessa relação, pois utiliza o texto para se constituir e se reconstruir como ser humano, sendo assim o leitor não é humanizado pela leitura ou pela leitura de textos literários, mas utiliza desta para se humanizar e também para se instruir, e principalmente, para entrar em contato com outras percepções de mundo.

Ao ler, o leitor busca uma forma de se aproximar de outras histórias, de pensamentos convergentes e divergentes do seu. Durante a pesquisa Petit registra que um dos entrevistados chegou a relatar: “não quero ser culto, não ligo a mínima, o que me interessa, em relação a literatura é experimentar uma emoção, sentir-me próximo das outras pessoas capazes de expressar pensamentos que posso ter” (PETIT, 2008, p.75).

Essa fala mostra como a leitura e a leitura de textos literários permitem abertura ao outro que pode proporcionar, muitas vezes, empatia e identificação com suas histórias. Isso geraria uma reconstrução de identidade e subjetividade, e essa reconstrução, passaria necessariamente, pela relação com o outro, com outras histórias e outras vivências, que mesmo que a princípio pareçam distantes, também ajudam a construir e dar sentido às próprias experiências de vida. Então, mesmo a leitura sendo este ato muitas vezes introvertido, ela proporciona uma abertura à outras pessoas e outras vivências, pois:

a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma à seus desejos e sonhos (PETIT, 2008, p.73)

A autora, assim como Candido, aponta para o fato de que a leitura e a leitura de textos literários podem ser também instrumentos de desnudamento da realidade e das injustiças sociais presentes em nossa sociedade, porém para ela como a leitura e a leitura de textos literários propiciam uma abertura ao outro, há um embate com outras visões de mundo e com outras experiências, e como as histórias contadas gerariam uma sensação de envolvimento, afinidade e empatia, estes embates e sentimentos também seriam capazes de contribuir para a formação de um pensamento crítico em relação a problemas sociais vividos e expostos nas histórias contadas, pois, “Essa abertura para o outro pode assim realizar-se por meio da identificação, quando nos colocamos no lugar da experiência do outro, sobretudo por meio da leitura dessas histórias “vivas”, que fascinam muitas pessoas.” (PETIT, 2008, p.85). Seria então, uma forma de repensar as posições sociais, não somente nossas, mas daqueles que vemos como o “outro”, nos tornando assim mais curiosos aos diversos mundos e realidades existentes em nossa sociedade, para a autora:

os jovens que leem literatura, por exemplo, são também os que têm mais curiosidade pelo mundo real, pela atualidade e pelas questões sociais. Longe de afastá-los dos outros, este gesto solitário, introvertido, faz com que descubram o quanto podem estar próximos das outras pessoas. (PETIT, 2008, p.83)

Este processo de humanização, desnudamento da realidade, criticidade e de abertura ao outro, seria aqui, vindo do leitor. Nesta perspectiva, o texto seria uma base, um suporte, para o leitor o utilizar para criar oportunidades de se humanizar e de olhar a sua realidade de diferentes formas. Essa relação entre texto e leitor seria, assim como em Candido, unilateral, porém, ao contrário de Candido, o foco desta relação unilateral não seria no texto, e sim no leitor, que poderia se tornar mais crítico às injustiças e repensaria sua noção de identidade a partir da identificação feita com a história contada, o poder de se identificar, de construção de identidade, de sentir empatia e conseqüentemente de se humanizar e se tornar mais crítico se encontra, para Petit, completamente no leitor.

Esta construção de identidade e de pensamento crítico a partir da leitura e da leitura de textos literários também se baseia em um tempo e aqui, a autora se distancia muito da visão de Candido, pois não resume a sua visão de tempo à ideia de tempo sócio-histórico do texto ou do autor, para ela a ideia de tempo seria principalmente a ideia de pausa e reflexão

proporcionados pela leitura e pela leitura de textos literários, seria então um tempo presente, um tempo do leitor.

Neste ponto podemos perceber novamente o foco da autora no leitor. Para ela o tempo do leitor influencia em sua relação com o texto lido, pois ao ler nos permitimos um tempo nosso, sem a aceleração da nossa sociedade que nos obriga a nos adaptar ao tempo dos outros. Seria um foco no tempo presente, que aqui pesa, pois, é o tempo do leitor e da leitura que este faz, este tempo permitiria que o leitor percorresse a leitura feita na própria velocidade, tendo tempo de reflexão, de imaginação e de ócio. Nas palavras de Petit (2008), “Quando lemos, podemos dispor de nosso tempo, em vez de estarmos sempre forçados a nos adaptarmos ao tempo dos outros, ao tempo da publicidade, do clip dos talk-shows da televisão, ao ritmo das obrigações escolares, à agitação do recreio” (PETIT, 2008, p.79).

Esse tempo de sonhar, imaginar e refletir seria também essencial para a democratização da leitura. Para Petit, a democratização da leitura não necessita somente do acesso à livros e textos literários, mas também necessita de tempo disponibilizado para a leitura destes, pois é este tempo disponibilizado que possibilitaria uma real conexão e relação entre texto e leitor, e que possibilitaria a humanização, a reflexão sobre si, sobre a própria realidade e sobre a nossa sociedade, levando a um pensamento crítico e também à descobertas científicas.

O que está em jogo com a democratização da leitura é também a possibilidade de habitar o tempo de um modo que seja propício para sonhar, para imaginar. É preciso lembrar que todas as invenções, todas as descobertas são realizadas nos momentos de fantasia, e que, em geral, sem fantasia não há pensamentos. (PETIT, 2008, p.80)

Em sua obra, este tempo que possibilita a reflexão faz uma grande diferença na forma como a literatura impacta a vida dos leitores. Mesmo que a televisão e outras formas de fabulação possibilitem a imaginação, o modo como estes veículos se relacionam e se comunicam com seus telespectadores é acelerada, não deixando tempo para a criação própria de imaginações, sonhos e reflexões. Esse aspecto é destacado por uma das entrevistadas na pesquisa de Petit, que chegou a afirmar que:

Na televisão é tudo rápido, a leitura deixa mais espaço para a imaginação do que a imagem. A televisão dá tudo mastigado, não deixa tempo para pensar, não somos habitados pelos personagens, ao passo que quando lemos, repousamos o livro e pensamos nele durante o dia, no que irá acontecer (PETIT, 2008, p.80)

Para a autora, é justamente nessa possibilidade de sonhar, imaginar e de jogar com o imaginário que moraria a possibilidade de criação de pensamento, de criticidade e de humanização, pois “em qualquer idade, sem sonho, sem jogos com o imaginário, [...], não existe pensamento” (PETIT,2008 , p.82).

Esta capacidade de imaginar e de sonhar, segundo a autora, seria então um direito a ser exercido durante a leitura, que necessitaria a disponibilização do tempo do leitor, ou seja, de um tempo que o leitor pudesse estar presente durante esta leitura que o levaria a fantasiar. Acreditando Petit que os livros “nos abrem portas também para outro tempo, em que a capacidade de sonhar tem livre curso e permite imaginar, pensar outras possibilidades” (PETIT, 2008, p.79), o tempo presente do leitor seria então, um tempo em que este se permitiria sonhar, imaginar e refletir.

Embora a autora tenha pontos de convergência com Candido, principalmente no que se refere à função social da leitura e da leitura de textos literários, Petit, por ver a leitura de textos literários a partir dos olhares dos leitores, acaba possibilitando uma análise mais antropológica, considerando como ao ato introspectivo da leitura pode produzir, em cada pessoa, a humanização e a emancipação de pensamento. Contudo, estas duas ações, seriam feitas a partir de fabulações e imaginações feitas pelos próprios leitores, no tempo que dispõem, por meio das identificações e pontes que fariam entre os textos que estão lendo e as suas vivências, pois ao ler sobre outras realidades, se tornam mais curiosos e críticos sobre si mesmos e sobre a sua própria realidade.

Aqui podemos ver um claro elo entre a visão de Petit (2008) e de Freire (1981) sobre a leitura, pois para Freire mesmo o ato de escrever e ler sendo produtos culturais complexos que o homem utiliza para representar e se relacionar com o mundo, a leitura de textos estaria fortemente atrelada à leitura de mundo pois existe uma “relação dinâmica entre a leitura da palavra e a "leitura" da realidade” (FREIRE, 1981, p.23), e por isso as funções sociais de comunicação, socialização e humanização da leitura seriam muito influenciadas pelas formas de representação e das leituras de mundo que os leitores fazem. Ambos consideram que a relação entre texto e leitor teria grande influência de seus contextos sócio-históricos, levando em conta que, ao ler um texto, esse leitor faria conexões com a sua realidade e com as suas vivências de mundo. Dito de outro modo, podemos perceber que para Petit a leitura e leitura de textos literários estariam extremamente atreladas a leitura de mundo que os leitores fazem, e ao conseguir fazer esta ponte entre a leitura de textos e as suas leituras de mundo, os leitores poderiam passar a olhar as suas realidades de forma mais crítica e questionadora. Nessa

direção, as interpretações e relações feitas entre um texto e um leitor, seriam únicas e muito dependentes das influências do contexto sociocultural que este leitor vivencia.

Por isso, mesmo Petit não referenciando Freire, é possível ver raízes do pensamento Freireano em seu texto, em sua escrita, na perspectiva de leitura defendida pela autora e na abordagem utilizada em sua pesquisa. A opção por ouvir, dar voz ao leitor, colocar toda ênfase e potência de emancipação social no leitor e na relação que ele faz entre as suas leituras e sua realidade, aponta para essa convergência.

Esta forma de Petit ver a relação entre texto e leitor pode nos levar também a questionar a forma como vemos e apresentamos as obras literárias em nossa sociedade, aqui, diferentemente de Candido e dos trabalhos influenciados pelos seus pensamentos, as obras não se relacionam com os leitores somente por causa de uma formação específica ou de pontos de vista teóricos e estéticos, mas, também por causa da abertura do leitor e a sua capacidade de criar relações entre aquilo que vivencia e aquilo que está sendo lido.

As obras aqui teriam diversas possibilidades de serem lidas e compreendidas pois:

cada obra de arte, ainda que produzida em conformidade com uma explícita ou implícita poética da necessidade, é substancialmente aberta a uma série virtualmente infinita de leituras possíveis, cada uma das quais leva a obra a reviver, segundo uma perspectiva, um gosto, uma execução pessoal (ECO, 1991, p.64)

Essa forma de ver a leitura de textos e de textos literários constrói uma perspectiva extremamente aberta às possibilidades de leitura e as formas de interpretação e compreensão de um texto, por isso podemos dizer que a perspectiva de Petit está mais próxima da forma freiriana de pensar o ato de ler, pois projeta as visões e vivências do leitor sobre o texto. Essa forma de enxergar a relação entre texto e leitor, proposta por Petit, nos mostra claramente as ligações com as ideias Freirianas e de Umberto Eco (citado acima), e tem um grande impacto no entendimento de promoção da leitura, pois nos propõe ver o ato de ler como uma forma de se abrir e conhecer o mundo a partir de suas próprias perspectivas e vivências. Aqui a leitura se torna uma forma de relacionar as vivências do leitor com o texto e deixar que essas vivências mostrem os diversos significados possíveis nesta leitura.

#### **4 A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA PERSPECTIVA DE JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA**

João Cezar de Castro Rocha, nascido em 1965, escritor, historiador, enxadrista e professor de literatura comparada no Brasil, mestre e doutor em letras pela Universidade

Federal do Rio de Janeiro, com segundo doutorado em Stanford, atualmente pesquisa os seguintes temas: Literatura Brasileira, Literatura comparada, cultura Brasileira, crítica literária, teoria literária, dependência cultural e estratégias de apropriação cultural<sup>6</sup>.

O autor possui um extenso número de obras escritas, incluindo críticas literárias, estudos culturais, estudos literários, traduções de obras, entre outros temas de estudo, incluindo as do escritor e pesquisador já citado, Antônio Cândido. Nesta pesquisa buscaremos analisar o artigo “Direito à leitura literária: Notas Iniciais”, publicado em 2018, o qual se mostrou relevante para este estudo pois nesta obra o autor se debruça sobre o ato de ler literatura, os diferentes aspectos que a formam e seus impactos na formação política e humana do leitor.

Por considerar a literatura como algo essencial à vida humana, a formação social, política e humanizada do indivíduo, o autor abre o seu texto trazendo como referência o texto de Antônio Cândido “Direito à literatura”, já analisado nesta pesquisa. Rocha concorda, absolutamente, com o papel humanizador da literatura, exposto por Cândido em seu texto, chegando a dizer que: “o direito à literatura pode - no fundo, deve - ser considerado tão básico quanto o direito à existência. Não é apenas o exame que justifica uma vida, mas também a habilidade em traduzir o universo em palavras” (ROCHA, 2018, p.35). Para o autor, como para Cândido, a literatura e a possibilidade de fabulação e imaginação, poderia dar sentido às diversas relações sociais e ao caos do dia a dia, seria então além de um passatempo e de um ato frívolo, se tornando um ato que possibilitaria uma vida digna para além da sobrevivência.

Ainda que concorde com Cândido sobre a função social da literatura, o autor difere em alguns pontos, incluindo a visão do papel do leitor na relação entre texto e leitor. Para Rocha, o leitor teria um papel extremamente ativo durante a relação entre texto e leitor pois, o leitor não somente interpreta o que lhe é trazido pelo autor do texto, como também complementa e potencializa os diferentes sentidos possíveis a partir de suas vivências e reflexões. Se “de um lado, a palavra precisa suprir deficiências objetivas, de outro, é indispensável que ouvidos atentos potencializem e mesmo completem o sentido” (ROCHA, 2018, p. 50). Vemos que o autor parte da importância do texto, da sua forma e do seu código para que ocorra a relação entre texto e leitor, porém coloca um grande peso e responsabilidade na capacidade criativa e de pensamento crítico do leitor para que esta relação ocorra de forma transformadora e humanizadora.

---

<sup>6</sup> Informações retiradas do currículo Lattes do autor, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2996791931732673>  
Acesso em: 19 nov. 2023.

Rocha se diferencia de Candido e de Petit quando coloca em equilíbrio o papel do texto e do leitor. Enquanto Candido coloca o peso da relação entre texto e leitor no texto, na sua forma e seu conteúdo e Petit coloca o peso desta relação no leitor, suas vivências e seu tempo de leitura, Rocha olha para esta relação como um ponto de embate entre as vivências do leitor e aquilo que está sendo exposto pelo texto. A relação aqui não seria criada somente pelo texto ou somente pelo leitor e sim pelas formas e contornos que seriam criados durante a leitura. Em Rocha, essa noção de leitura literária considera como ponto de partida a relação entre texto e contexto vivenciado pelo leitor, mostrando como a leitura e a escrita têm funções sociais, não só representação social daquilo que o autor vivenciava ou pensava de sua sociedade, mas também de relação e reflexão sobre as realidades vividas pelos leitores.

Para Rocha, a leitura de textos literários seria algo profundo, indo além da decodificação do alfabeto. Obrigaria o leitor a se relacionar com algo externo a ele e ao mesmo tempo, obrigaria o leitor a se relacionar com suas próprias vivências, por isso ele propõe que necessitaríamos de algo a mais do que o direito ao acesso à literatura e a fabulação, já que o texto literário não seria mais a única forma de fabulação em nossa sociedade atual, a fabulação poderia também ser feita em programas de televisão, redes sociais e etc, por isso necessitaríamos do direito à leitura literária como algo essencial para a vida humana, pois a relação entre texto e leitor tornaria as fabulações feitas durante a leitura de textos literários uma experiência completamente diferente das fabulações feitas no mundo digital.

Para o autor a leitura literária obrigaria o leitor a desenvolver uma relação mais profunda com aquilo que está sendo lido e dito. Desta forma, o autor coloca ênfase no ato de ler e principalmente, na recepção deste ato, pois uma leitura literária atenta, potencializaria e complementar o sentido de um texto fazendo com que este humanize os leitores a partir do contato com algo que não pertence necessariamente a sua realidade já que “a leitura, especialmente a leitura literária, obriga a um engajamento com algo que nos é necessariamente exterior” (ROCHA, 2018, p.43).

Aqui podemos entender como o conceito de leitura literária de Rocha se diferencia da perspectiva de leitura de textos literários de autores que compartilham da visão de leitura focada no texto, neste texto, apresentado por Antonio Candido. Para Rocha, a leitura literária não seria focada totalmente no texto e na sua origem, e nem totalmente no leitor e em suas experiências, a leitura literária aqui teria como característica principal a relação entre texto e leitor, feita no momento de encontro do leitor, que tem suas vivências e visões de mundo, com o texto literário, que procura expor e contar algo. Esse ato de leitura literária aconteceria em

um tempo capaz de promover a reflexão e aprofundamento dos pensamentos promovidos tanto pelo leitor quanto pelo meio de comunicação do texto.

Esse tempo da leitura literária, que a difere de outras formas de fabulação presentes no meio digital, seria também o que tornaria a leitura literária tão importante para a humanização e criticidade do leitor, pois a leitura literária possibilitaria uma pausa de reflexão se contrapondo ao sempre constante aceleração dos meios digitais que ultrapassam a capacidade de recepção das pessoas que o utilizam de se comunicar de forma profunda e crítica com aquilo que está sendo dito e exposto. Essa condição, segundo o autor, compromete a relação entre a fabulação sendo feita pelo meio de comunicação, neste caso os meios digitais, e o receptor. Podemos dizer então, que nos meios digitais não haveria a possibilidade de se relacionar com as fabulações feitas pois não haveria pausa nem espaço para a imaginação e criticidade do espectador.

Para o autor, em nossa sociedade atual, o consumo de ficção em meios digitais ultrapassaria a capacidade de recepção, pois, além de existir uma hiper dramatização dos fatos ocorridos, o tempo entre o ocorrido, sua dramatização, sua recepção, sua comunicação e sua resposta, se confundem. Essa excessiva dramatização e o tempo acelerado que ela ocorre em meios digitais e redes sociais seria um impedimento à uma relação efetiva, pois:

o universo digital e as redes sociais inauguraram uma inédita simultaneidade de três eixos: a transmissão do evento ocorre no exato instantes de sua ocorrência, que, por sua vez, também coincide com sua recepção. A verticalidade radical dessa experiência tende a substituir a interpretação pela resposta emocional do calor da hora. (ROCHA, 2018, p. 54).

É nesta perspectiva de tempo que a leitura literária mostra a sua potência de comunicação efetiva e crítica, pois ao quebrar esta simultaneidade de comunicação, ela cria uma pausa que permite a reflexão daquilo que está sendo lido e compreendido pelo leitor, permitindo que ele preencha os sentidos do texto com suas próprias experiências de vida, humanizando e permitindo uma reflexão crítica:

Na distância entre os dois atos de leitura, reside a potência da leitura literária, pois ela inventa uma pausa que finalmente pode interromper o fluxo-vertigem de uma simultaneidade que nos torna cada vez mais prisioneiros de limites desumanizadores [...]. Não nos enganemos: sem essa defasagem, a desumanização é o próximo passo. Seremos todos algoritmos capengas, com capacidade limitada, limitadíssima, de processamento de dados, que, no entanto, serão sempre mais céleres e exigentes.(ROCHA, 2018, p. 57)

A ideia de questionamento de como o tempo de leitura muda a forma como a relação entre espectador e fabulação ocorre, é algo muito explorado no texto de Rocha, que vê na impossibilidade de pausa e reflexão dos meios digitais, uma forma de desumanização e desconsideração à capacidade crítica do espectador. Enquanto que a possibilidade de pausa de reflexão na leitura literária permitiria uma forma de aprofundamento da relação entre texto e leitor, o que levaria a uma maior criticidade e uma humanização do leitor.

Por isso, esta relação entre espectador e a dramatização feita em meios digitais tem muito a ver com o conceito de tempo que Rocha traz em seu texto. Ele não fala somente de um tempo sócio-histórico em que a literatura está sendo criada ou acessada, ele também fala do tempo disponibilizado, tanto pelo leitor quanto pelo meio de comunicação usado para entrar em contato com esta dramatização ou fabulação. Para ele, este tempo tem um papel crucial no impacto da relação sendo criada, pois “tão importante quanto a habilidade de fabular é a capacidade de dialogar com a formas alternativas de imaginação.” (ROCHA, 2018 p. 43).

Então, para Rocha, o tempo do ato da leitura literária é também o que torna a fabulação<sup>7</sup> feita pela leitura tão potente e capaz de humanizar e criar criticidade no leitor. O tempo aqui não seria somente o tempo sócio-histórico do autor como para Candido, porém também não seria somente o tempo do leitor e de sua disponibilidade para leitura, como para Petit, seria sim, o tempo do ato de leitura literária, que seria algo construído pelo leitor que disponibiliza o tempo e pelo texto que possibilita a pausa e reflexão durante o seu ato de leitura. Este tempo de leitura literária seria permeado pelas fabulações feitas pelo texto e pelas vivências do leitor o que possibilitaria uma leitura literária potente onde os leitores e o texto se relacionam e complementam os sentidos.

É possível ver em Rocha uma perspectiva de leitura literária muito focada na relação entre texto e leitor e como estas duas se complementam. Esta perspectiva da leitura literária tem muito a ver com o seu entendimento de leitura literária como uma ferramenta com função social que tem grande impacto na construção do leitor e como aspecto cultural essencial à humanização e emancipação política, ele traz o tempo de reflexão ou pausa, como aspecto da leitura literária capaz de humanizar e de criar momentos, reflexões e o leitor como ser ativo capaz de se comunicar e complementar o sentido de um texto. Porém isso não quer dizer que ele minimize a importância do texto na relação entre texto e leitor, pois para ele assim como para Candido:

---

<sup>7</sup> Rocha entende fabulação através da perspectiva de Antonio Candido onde a fabulação seria “uma criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades” (Candido, 2011, p.177)

a inter-relação de três elementos configura o sistema literário: “a existência de um grupo de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns aos outros (CANDIDO APUD ROCHA, 2018, p.37)

Esse “mecanismo transmissor” seria justamente o texto, sem o qual também não existe a relação com o leitor, e então para Rocha, assim como para Candido e para Petit, a relação não se resume somente à esta tecnologia de códigos e alfabetos, ela age e têm um peso, também, na relação entre texto e leitor, pois “literatura remete ao ato de conferir sentido ao caos do dia a dia por meio da fabulação, ou seja, através da narrativização das coisas. As palavras, aqui, valem por que pesam em todos os registros” (ROCHA, 2018 ,p.35).

Assim, o texto é o mecanismo transmissor que liga os produtores literários aos seus diferentes públicos, e muito embora o texto literário não possa ser reduzido à tecnologia do alfabeto, nele também reside a potência de relação entre texto e leitor, pois os textos poderiam também influenciar a forma como o leitor complementa o seu sentido, para melhor explicar este fato o autor traz uma citação de Machado de Assis, que diz:

Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta , não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que reflexões profundas!(...) Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas (ASSIS, APUD ROCHA, 2018, p.52)

Expressando em outras palavras, nesta relação entre texto e leitor capaz de complementar sentidos a partir da forma como as vivências e significados se entrelaçam o texto, sua forma e seu código seria um mecanismo de relação capaz de promover tempo de reflexão e de deixar mais ou menos espaço para que sentidos e significados sejam pensados e repensado pelo leitor, temos aqui então, um texto com uma função ativa, pois age na relação entre texto e leitor a partir de sua forma e de sua capacidade comunicativa.

Temos em Rocha então, uma forma de ver a leitura literária a partir de seu todo e da forma como texto e leitor se relacionam, aqui todos os aspectos, tempo, texto e leitor se potencializam a partir da relação que constroem uns com os outros. Para Rocha, o poder da relação entre texto e leitor não estaria então em nenhum destes aspectos solitariamente, mas sim no momento em que todos se relacionam proporcionando a leitura literária.

Seria então uma forma aprofundada de ver a leitura, que não se limitaria pela visão do texto ou pelas vivências do leitor, pois:

Se o que aparece são uma série de sentidos “que vem” do objeto e apenas do objeto, estamos diante de uma descrição. Se o que se impõe é a série de sentidos do sujeito (...) estamos diante de uma interpretação. Não se trata de “desqualificar” a descrição (o 1) e a interpretação (o 2), mas simplesmente declará-las limites da leitura (o 3). (LINK, 1959, p.19)

Esses limites da leitura se mostram então na perspectiva de Link (citado acima) e de Rocha como aspectos capazes de contribuir para a criação de sentido, a correlação entre os sentidos que vêm do objeto e do leitor são limites da leitura quando tratados de forma isolada, sem se relacionar, em compensação quando tratados como partes de uma possível correlação entre texto e leitor são capazes de criar sentidos a partir da leitura e da leitura literária

Para Rocha o ato da leitura literária teria então que ir além do limites da leitura, não se trataria de uma relação unilateral, mas sim, de uma construção de sentidos e significados proporcionados pelo embate de todos os pontos desta relação, o objetivo de humanização e criticidade do leitor seria alcançado aqui através desta relação onde um não agiria sobre o outro, mas sim todos agiriam em conjunto no processo de criação da relação entre texto e leitor e possibilitando então a leitura literária.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como posto no início desta pesquisa a leitura de textos literários é perpassada por vários contextos que interagem e afetam a forma como esta leitura ocorre. Fica claro após o aprofundamento dos pensamentos dos autores acima, como este entendimento da relação entre texto literário e leitor é diverso e pode impactar de diferentes formas na formação política e social de seus leitores.

Ao aprofundar os estudos na visão dos autores, na perspectiva de alcançar o objetivo geral de investigar como as formas de relação entre texto e leitor podem influenciar na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social a partir das perspectivas dos autores Antonio Candido, Michèle Petit e João Cezar de Castro Rocha, nos deparamos então com três perspectiva diferentes, que em determinados momentos convergem e em outros momentos divergem.

Para todos os autores a leitura de textos literários tem um grande papel na formação política e social de seus leitores, levando eles a questionarem a realidade a sua volta, porém

como cada autor entende esta relação entre texto literário e leitor, que leva a este questionamento e esta criticidade, mostra as suas diferentes concepções sobre o tema.

Enquanto para Candido o ponto principal desta relação é o texto, sua forma, capacidade de comunicação, o tempo do autor, que expõe no texto seus pensamentos e criticidade à sociedade à sua volta. Para Petit o ponto principal desta relação se torna o leitor, que é capaz de trazer suas vivências e experiências de vida para a leitura realizada, e o tempo do leitor, que ao se distanciar de sua realidade e separar um tempo para leitura cria um momento propício para a reflexão a partir da leitura sendo feita. Já para Rocha o ponto principal desta relação é justamente a relação criada, o momento de embate entre as visões do texto e do leitor, que propiciam, nesta pausa criada para reflexão durante a leitura, a construção de novos sentidos para o texto e para a realidade vivida.

Portanto durante a sistematização e aprofundamento dos pensamentos dos autores escolhidos, foi possível sistematizar a noção de leitura de textos literários de cada autor, observando pontos de convergência e divergência e foi possível entender como esta noção impacta na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social, o que torna alcançado o grande objetivo deste estudo bibliográfico e responde a pergunta norteadora desta pesquisa, *Como as perspectivas de leitura de textos literários de Antonio Candido, Michèle Petit e João Cezar de Castro Rocha, nos ajudam a compreender a potência da leitura na constituição de sujeitos críticos e transformadores da realidade social?*

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. p. 171-193 **Direito à literatura**, 2011. Ouro Azul - 5ª Edição. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod\\_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf) Acesso em: 19 nov. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. **O direito à leitura literária**. Pessoa, dez. 2018. Disponível em [https://www.academia.edu/69037444/O\\_DIREITO\\_%C3%80\\_LEITURA\\_LITER%C3%81RIA\\_NOTAS\\_INICIAIS](https://www.academia.edu/69037444/O_DIREITO_%C3%80_LEITURA_LITER%C3%81RIA_NOTAS_INICIAIS)> Acesso em: 19 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**, 1988. Editora Cortez

PETIT, Michèle. Segundo encontro: o que está em jogo na leitura hoje em dia. In: PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 59-101

ISER, Wolfgang. **O ato da Leitura: Uma teoria do efeito estético** São Paulo: Ed. 34, 1996-1999. 2 v

ECO, Umberto. **Os limites da Interpretação**. 2ª ed. São Paulo Perspectiva, 2004. [1990]

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **Métodos de pesquisa**, 2009. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CEDÓN, Adete S. C. V.; KREMER, Ette M. **FONTES DE INFORMAÇÃO PARA PESQUISADORES E PROFISSIONAIS** Editora UFMG, 2003.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. **TEXTO PARA DISCUSSÃO N o 1496 ESTADO E DIREITOS HUMANOS NO BRASIL: DO AI-5 AO I PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS**. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1855/1/td\\_1496.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1855/1/td_1496.pdf)> . Acesso em: 12 nov. 2023.

AGUIAR, Flávio **O direito à literatura no século XXI: uma homenagem a Antonio Candido**. Blog da Boitempo. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2012/05/31/o-direito-a-literatura-no-seculo-xxi-uma-homenagem-a-antonio-candido-por-flavio-aguiar/>> . Acesso em: 19 nov. 2023.